

## O TEOREMA EUCLIDIANO

Eduardo José Tollendal (UFU)

Na genealogia de *Os sertões*, Euclides da Cunha construiu uma teoria da origem do sertanejo, projetando nos indivíduos desta raça o futuro tipo antropológico brasileiro. Para melhor compreender o pensamento de Euclides da Cunha e suas determinações na feitura de *Os sertões*, retomo uma passagem de Alfredo Bosi sobre a “educação sentimental” da intelectualidade brasileira na virada do século XIX para o XX. Bosi estabelece uma distinção entre “velhas mentalidades” e “mentalidades pré-modernas”. Para o autor da *História concisa*, no início do século XX os pré-modernistas buscavam libertar o estilo literário das amarras acadêmicas e superar uma engenharia mental evolucionista pelo aprofundamento do contato com a realidade de forma problematizadora.

Começo esta reflexão pelo primeiro traço das mentalidades pré-modernas (mais que pré-modernistas). Considerando-se o propósito de ruptura com os códigos literários — diz Bosi (1975, p. 373) —, poucos seriam os escritores precursores de uma literatura brasileira moderna no “primeiro vintênio” (sic) do século XX. E Euclides estaria longe de ter uma atitude sequer democratizante quanto ao uso da escrita; em vez disso, prima pela solidez da norma culta, pela feição erudita da língua.

Antes de criticá-lo, assumindo o afã da modernização, precisamos compreendê-lo. Bosi observa que o estilo acadêmico de Euclides seria necessário, sobre adequado ao meio intelectual de que participa no fim dos anos 1900; isto porque o estilo euclidiano não converge para o gosto da forma pela forma, para a exibição de um lavor cultista e decadente. Lemos, na *História concisa*:

Pode-se apontar no Euclides manipulador do verbo o contemporâneo de Rui e Coelho Neto, o leitor intemperante do dicionário à cata do termo preciso. Mas é na semelhança que repontará a diferença: onde [...] o palavroso literato buscava(m) o efeito pelo efeito, o homem de pensamento [...] perseguia a adequação do termo à coisa; e a sua frase será densa e sinuosa quando assim o exigir a complexidade extrema da matéria assumida no nível da linguagem. [...] O moderno em Euclides está na seriedade e boa fé para com a palavra. (BOSI, 1975, p. 346).

O segundo tópico da distribuição proposta por Bosi refere-se à oportunidade de inclusão de Euclides entre os pré-modernos em razão do mergulho na realidade local por ele protagonizado, quando revela à sociedade “as tensões que vivia a vida nacional”. Ao entrar no palco da guerra, no interior do sertão brasileiro, lugar chamado Canudos, Euclides encontraria condições para superar o pensamento evolucionista, próprio das “velhas mentalidades”, em que se formara, nos últimos anos do século XIX. Entretanto, as condições propícias nem sempre levam ao mesmo efeito. Esse “esforço” de penetração problematizadora na realidade brasileira não leva Euclides a promover a crítica à mentalidade evolucionista das velhas gerações e, por conseguinte, aproximar-se dos precursores do Modernismo. Esta é uma hipótese para demonstração.

Euclides apresenta-se em *Os sertões* como um intelectual contraditório. Dotado de um profundo sentimento de justiça relativo à exclusão dos sertanejos do projeto nacional, ele critica as elites políticas e militares da República mas não consegue

identificar as causas históricas da exclusão, que passam pela conquista, pelo colonialismo e pela escravidão. Não se percebe em *Os sertões* a superação de uma “consciência ingênua” do atraso.

A formação da jovem intelectualidade republicana, positivista ou católica, conforme sua atualização, reproduzia um senso comum oportunamente ingênuo, em que aos excluídos são atribuídas, por fatalismo genético, as razões do próprio atraso. A educação teórica e sentimental de Euclides o impede de tomar consciência, na feitura de *Os sertões*, das razões econômicas do atraso. Por outro lado, basta pensar a teoria de Euclides sobre a presumível origem do homem brasileiro, do *homo americanus* ao sertanejo, passando sempre pelos cuidados de uma miscigenação contida, para reencontrarmos a teoria da superioridade das raças puras. Portanto, falta a Euclides elaborar melhor a condição do sertanejo na hierarquia social brasileira, precariamente instituída como república, arraigada a uma herança liberal, monárquica e escravista mal-resolvida, cujo resultado é a dissonância moral entre o discurso e a prática.

Sem tempo de avançar rumo ao pensamento moderno, preso, nos poucos anos em que viveu, ao positivismo, ao determinismo e à psicologia social em que se formara, Euclides tem o mérito de superar seus contemporâneos ao revelar um velho problema, sempre relegado pela elite nacional ao esquecimento, à dissimulação. No mínimo, Euclides optou pela denúncia, em vez do pitoresco, do exotismo ou da violência, do preconceito com que se tratavam os excluídos e suas demandas sociais.

Apesar das limitações de sua prospecção, Bosi irá destacar o mergulho de Euclides da Cunha nos “dolorosos quadros” da realidade sertaneja como uma contribuição efetivamente pré-modernista, por atribuir à escrita, no campo da cultura, uma função, justamente quando a literatura passava por ser o “sorriso da sociedade”. Conhecimento e emoção são os procedimentos que o discurso de *Os sertões* ensina ao maneirismo e ao descompromisso dos escritos teóricos e artísticos do período pré-modernista. Lemos em Bosi (1975, p. 345): “o engenheiro Euclides deteve o olhar na matéria e nos determinismos raciais que o século XIX lhe ensinara aceitar sem reservas”; mas foi “além dos esquemas” e desvendou “o mistério da terra e do homem brasileiro com as armas todas da ciência e da sensibilidade”.

Em estudo sobre *Os sertões*, Luiz Costa Lima irá retomar a questão do mérito de Euclides. Sem destituí-lo, Costa Lima ressalva que não se pode esquecer a precariedade científica da obra. Se o imprevisto favorece mais a criação artística do que a ciência, as limitações do cientificismo euclidiano são responsáveis pela dúvida e pela ambigüidade resultantes do confronto entre teoria e experiência, na abordagem da realidade sertaneja. Favorecem, portanto, a criação literária, que não se quer determinista. Para o autor de *Terra ignota*, cabe ao estudioso de literatura abdicar de uma atitude laudatória para melhor avaliar o tratamento dado à crise do “Brasil arcaico” por nossos escritores de arte e ciência. Noutros termos, é preciso compreender a precariedade do pensamento de Euclides para compreender a rica contradição em que o insere a experiência sertaneja, fator de sua inquietação, com reflexos na feitura artística de *Os sertões*.

Ainda segundo Costa Lima, há uma crítica pró-Euclides que descarta as teses racistas do autor não só como “ciência ultrapassada” mas também como se Euclides não as endossasse. Trata-se, portanto, de uma crítica que não contribui para a compreensão dos limites de sua ciência, reiterando o equívoco em que consiste a teoria da gestação de uma “essência” nacional. Para Costa Lima, a simpatia de Euclides pelo sertanejo decorre da vitimização deste: a sociedade exclui o sertanejo devido a sua má formação genética. Euclides se compadece desta fatalidade, sem poder compreender as circunstâncias

históricas, políticas e econômicas que determinam a exclusão do sertanejo do projeto nacional. Sua perplexidade ante o crime perpetrado não ultrapassa o nível da indignação moral com o destino ignóbil que homens falíveis deram aos sublimes ideais republicanos.

A teoria da mestiçagem é a pedrinha na chuteira de Euclides: como resolver o dilema decorrente da necessidade de encontrar a origem de uma futura raça brasileira que se deseja pura e forte a partir da constituição de um tipo regional cientificamente declarado inferior, nos planos físico, moral e intelectual, em razão de sua origem mestiça. A ciência contrariava seu desejo cívico.

## 2

Chamo “teorema euclidiano” o raciocínio desenvolvido por Euclides para construir uma teoria da origem do sertanejo enquanto mestiço, que atendesse a seus interesses nacionalistas. Ideologicamente motivado, o teorema nos mostra como formou-se uma raça sertaneja potencialmente forte, apta a assumir um papel embrionário na formação de um tipo antropológico brasileiro, relacionado com a identificação de uma nacionalidade, sem contrariar os pressupostos evolucionistas do século XIX, que — como disse Costa Lima — embasavam as “teses racistas” do autor de *Os sertões*. Euclides driblou o preconceito, apoiando-se nas mesmas teorias que o implantaram profundamente no senso comum da nação.

A racionalidade do pensamento euclidiano adapta-se bem à forma imbatível do silogismo. Euclides parte de uma premissa maior, discriminatória mas incontestável, que decreta ser todo mestiço um tipo inferior, inapto mentalmente para as grandes abstrações filosóficas do homem civilizado, não só a matemática ou a física quântica, como o monoteísmo; estranho argumento, que desconsidera o politeísmo na mitologia dos povos gregos e romanos, nos primórdios da civilização. O resultado aritmético da premissa maior é evidente: o sertanejo é um mestiço; logo, é um tipo inferior.

Ante a solidez do silogismo e das evidências favoráveis ao mestiço, advindas do contato com a realidade sertaneja, Euclides encontra uma estratégia para vencer o dilema: não combate a premissa maior com as armas do argumento humanista e das ciências modernas em gestação, o que implicaria destruir todo o edifício epistemológico em que fora formado; mas combate a premissa menor, antepondo ao predicado “ser mestiço” um advérbio de negação. A premissa fica sendo “o sertanejo não é um mestiço”. Preserva, assim, a premissa genérica, cientificamente inquestionável, e constitui um epiquirema: um enunciado singular que precisa, ainda, ser demonstrado. O epiquirema é uma premissa menor munida de prova, de modo a deixar intacto o método racionalista.

Para a proposição ser aceita, levando a uma conclusão insofismável, Euclides precisa demonstrar que o sertanejo não é mestiço, contrariando, assim, o entendimento geral de que a raça, por ser fruto de uma miscigenação complexa, seria mestiça. Cabe a Euclides, portanto, relatar o processo histórico de purificação por que passa a comunidade sertaneja desde a origem. Estabelecido o epiquirema, a persuasão ideológica fica mais sustentável, mais eficaz. A necessidade de provar ou justificar nossas opiniões, velando outros interesses, é um recurso freqüente na luta política, assim como na vida cotidiana. Para o professor Othon Moacir Garcia (1980), a necessidade de um argumento comprobatório parece fazer parte da natureza mesma do espírito humano.

A perplexidade do ser humano em face de realidades que contradizem suas convicções mais arraigadas traduz-se em indagações conceituais. “O que é isto?” Assim ocorreu com Euclides: ao encontrar no sertão os sertanejos de carne e osso, que conhecia como personagens de jornais e romances lidos no litoral, onde vivia, indagou-se: “Por quê?”. Se a primeira indagação resolve-se com um conceito, a segunda pede indicações de causa e motivo. Perplexidade e desinformação cessam quando a razão esclarece. Assim pensou Euclides e por isso escreveu *Os sertões*: para esclarecer, revelar a verdade.

Ao conceituar “sertanejo”, Euclides constrói para este tipo étnico-regional, essência da futura raça brasileira, uma origem nobilitante. O sertanejo é o indivíduo que se origina, nos primórdios da humanidade, de um *homo americanus* autônomo e autóctone. Para tanto, Euclides contraria as teorias mais prestigiadas sobre a origem da espécie humana a partir do “grande viveiro da Ásia Central” (entre os rios Tigre e Eufrates, próximos à destruída Bagdá), cujos primatas teriam migrado para a América, a pé, seguindo rebanhos, passando pelo estreito de Bering. Contraria, portanto, a teoria da Ponte Alêutica.

O segundo passo é explicar o processo de miscigenação de brancos, vindos de São Paulo e Pernambuco, com índios, que se encontraram no vale do rio São Francisco entre os séculos XVI e XVII como decorrência do movimento de entradas e bandeiras, de que se origina o tipo sertanejo. Deste processo gerador de uma nova raça, Euclides consegue excluir o negro, embora o considere portador de “rara fecundidade”, ao concentrá-lo no litoral, a gerar mulatos sucessivos e degenerados. Euclides atende, portanto, a vários postulados racistas, assim como atende ao cientificismo de Broca, já que “são invioláveis as leis do desenvolvimento das espécies” (1979, p. 78).

As leis de Broca determinam em que medida os mestiços são degradados em progressão geométrica, “como nas somas algébricas” (1979, p. 77): quanto maior o número de matrizes raciais numa miscigenação binária, ternária ou sucessiva, maior a degeneração. Constituem um argumento de autoridade, a que Euclides recorre em sua demonstração, como muitos outros, de muitos autores, a quem atribui, na falta de provas, “profunda elaboração”, “intuição genial”, “inteiriça organização” e “rara lucidez” (1979, p. 49) — modos de construção de um sistema ideológico.

Ao fator genético Euclides acrescenta um fato sociológico: o isolamento dos primeiros mestiços sertanejos, “depois de um apagamento quase secular” dos movimentos migratórios dos séculos XVI e XVII, de modo que nenhuma outra matriz genética pôde interferir num processo binário de miscigenação; isto significa que as duas matrizes originais se repetiram, sempre as mesmas, gerando um processo de “redução” — como o define Broca — gerador de mestiços saudáveis pela junção das virtudes genéticas de cada matriz no novo indivíduo. Durante cem anos, portugueses e tabajaras miscigenaram entre si, no sossego das caatingas, junto ao “mimoso das planuras” e “das chapadas desafogadas” (1979, p. 69–70), obtendo pela perseverança na bipolaridade genética a depuração de uma nova raça. “O abandono em que jazeram teve função benéfica” — diz Euclides da Cunha (1979, p. 79).

Ao processo genético acrescentam-se os condicionamentos mesológicos. A influência de uma natureza rude e agreste, com promessas de fertilidade, determina a gestação de um sujeito original e, sobretudo, superior aos mestiços do litoral, degenerados por “cruzamentos sucessivos” e indolência constante num meio apazível. O determinismo do processo apresenta o meio como “estabilizador horizontal”, oferecendo uma “homogeneidade de resultados” físicos e mentais favoravelmente

previsíveis; e o tempo como “estabilizador vertical”, cristalizando as semelhanças. Desta dinâmica resultaria, sem degenerescência, o sertanejo: raça nobilitada que daria origem a um povo-novo, futuramente “nacional”, pela “ocupação plena” da terra.

A solução do epiqueirema euclidiano, portanto, fundamenta-se em conclusões científicas que lhe dão um ar de veracidade. Miscigenação binária, isolamento regional e influência mesológica são os argumentos do seu raciocínio lógico. Evolucionismo seletivo, historiografia empírica e determinismo absoluto se unem na consolidação do teorema.

Costa Lima observa que, se o isolamento é fato sociológico, a teoria da depuração carece de poder de persuasão, pois não há como identificar o momento em que se alcançaria uma “mestiçagem ótima”; o que poria fim a um processo de gestação favorável à estabilidade de uma raça depurada até a essência (COSTA LIMA, 1997, p. 43).

Incapaz de romper com este cientificismo incrível e precário, sem instrumentos para tocar na ferida da exclusão econômica gerada pelo colonialismo, Euclides acredita na possibilidade de constituição de uma nova raça, alheia ao “poder regenerador da imigração” européia, que o contrariava; busca intuir uma identidade brasileira que encontraria sua essência no futuro, com a transcendência do sertanejo em brasileiro — fenômeno imaginário, não demonstrável pelos sentidos nem conhecido pela experiência.

O romance experimental, contudo, não fracassa em sua missão ideológica. São méritos de Euclides apresentar alternativas identitárias para o indianismo romântico, ingênuo e idealista, cultor do sublime; negar o naturalismo evolucionista, que configura o índio como bugre, grotesco e brutal; contradizer o ideal preconceituoso que fundamenta a política elitista e oficial do branqueamento da população.

Por outro lado, deu fôlego ao romantismo sertanista que promovia a cristianização do homem regional nas suas vertentes primitivistas: o negro, o caboclo, o caipira, o mulato dos vários regionalismos literários. Euclides propõe uma nova idealização, marcada pela dúvida e pela ambigüidade. Se a imagem do Hércules-Quasimodo expressa perplexidade, expressa também esperança, sombreada pela melancolia: “Não temos unidade de raça. *Talvez* nunca a tenhamos” — diz Euclides. Por isto, Costa Lima observa que o autor de *Os sertões* não é um otimista; ou melhor, que o pessimismo empresta seu tom sombrio ao ufanismo verde-amarelista do teorema euclidiano. A falácia do teorema não estaria na sua logicidade estratégica nem na viabilidade política. Compromete a visão de Euclides a crença na existência de raças, como se fossem bruxas. Fruto de uma abstração teórica, a solução euclidiana teria um “alcance mítico” ou transcendente — diz Costa Lima (1997, p. 42). O ensaio científico — concordam Costa Lima e Bosi — não se sustenta.

Euclides não viveu para compreender que a questão racial não se sustentaria por muito tempo. Embora continue ativa nos meios oficiais, as ciências e os discursos mais “corretos” — como se diz — descartam o critério genético na qualificação dos indivíduos. Outros instrumentos de investigação como o marxismo, a antropologia e a psicanálise têm mostrado aos brasileiros que a inferioridade dos mestiços é um equívoco, cuja sustentação favorece a política de exclusão dirigida pelas elites nacionais. Também não viveu para compreender a necessidade de uma nova política que garantisse aos mestiços acesso aos bens da cultura mediante sua integração ao sistema econômico, além do educacional — que não seja pela facilitação nem pelo falso compromisso das quotas universitárias — para que pudessem desenvolver sua sensibilidade e inteligência.

Costa Lima (1997, p. 44) observa que o tempo teria permitido a Euclides compreender a modernização da nação como redução da distância “entre o país real e seu aparato jurídico” numa república cuja escrita dissocia a lei da correlata ordem

social. Antes dele, Gilberto Freyre e Franklin de Oliveira já haviam dito que a trajetória intelectual de Euclides apontava o rumo de uma consciência política francamente socialista. Para eles — segundo Alfredo Bosi (1975, p. 349)<sup>1</sup> —, Euclides “aproxima-se do socialismo democrático” em seus últimos escritos, evidenciando o abandono do “determinismo racial e psicológico”, patente em *Os sertões*”, em favor de uma política em que são “privilegiadas” as condições socioeconômicas das classes populares.

Precário como ciência, *Os sertões* afirma-se como ficção. Walnice Galvão, comentando a obra de Euclides na TV, afirma que os equívocos políticos e científicos não têm maior relevância porque o mérito de *Os sertões* é literário. Para ela, Euclides tinha consciência da qualidade de sua obra, por isso a reescrevia sempre, a cada edição, a despeito da precariedade teórica que a experiência de Brasil cada vez mais evidenciava. Sua consciência estética ultrapassa suas limitações político-científicas.

Da mesma forma, Costa Lima (1997, p. 50) ressalta que “a descrença” no projeto científico que sustentara *Os sertões* nos permite compreendê-lo como um “grande romance”. Nesta categoria está sua melhor realização: “[...] não interessa o que Euclides tenha feito com as palavras, se subtraiu fontes, se embelezou ou falsificou testemunhas e acontecimentos; o decisivo é a verdade sobre o país que só ele tão bem captou”.

Este argumento nos remete à distinção estabelecida, no início desta reflexão, entre duas mentalidades. Euclides efetivamente se apresenta como um precursor das mentalidades pré-modernas; ao mergulhar nos “quadros dolorosos da seca”, acaba por desocultar as contradições da nossa identidade; ainda que equivocadamente, descreve com emoção e entusiasmo um mundo sertanejo que sonhava transformar. Em *Os sertões*, Euclides expõe sua consciência dilacerada pelo impasse gerado entre os dogmas da ciência e a cruel realidade. A grandeza humana de seu projeto estético, verdadeiro, sofrido e sincero faz a glória literária de Euclides da Cunha.

---

<sup>1</sup> Ao anotar a simpatia de Euclides pela linguagem do marxismo, “firme, compreensiva e positiva”, Bosi ressalta sua posição contrária à ruptura revolucionária, em favor de “reformas lentas”.

## Referências

- ABREU, Regina. *O enigma de Os sertões*. Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1998.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- CARPENTIER, Alejo. Problemática do atual romance latino-americano. *Literatura e consciência política na América Latina*. São Paulo: Global, s/d.
- COSTA LIMA, Luiz. *Terra ignota: a construção de “Os sertões”*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*: Campanha de Canudos. 29<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1979.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 8<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980.
- ZILLY, Berthold. A encenação da história em *Os sertões* de E. da Cunha. In AGUIAR, F.; CHIAPPINI, L. *Civilização e exclusão*. São Paulo: Boitempo, 2001.